

O PHAROL TRANSMONTANO.

PERIÓDICO MENSAL

DE

INSTRUÇÃO E RECREIO.

N.º 8.

AGRICULTURA (*).

Na agricultura, quasi sempre é assim.

Começa-se por um ensaio em ponto pequeno, ao qual o agricultor é levado, as mais das vezes, por alguma calamidade, ou extraordinaria escassez, como se observa em annos demasiadamente estereis, por anomalias meteorologicas, ou mesmo por algum acontecimento politico imprevisito que surta identico effeito; passa-se tempo infinito em tentativas, e a combater, com o exemplo, habitos antigos e tenazes; até que, ao principio por necessidade, logo por imitação, a innovação se vulgarisa, as experiencias se convertem em praticas ruraes, e o novo vegetal passa a occupar o terreno que lhe é dado, e que mais lhe convém. Já se vê, que a parte do solo, que em tal caso se lhe destina, ou pertence ao *chão de folga*, ou á mesma folha — regularmente, recorre-se á contra-folha; a não se querer que alguma das culturas antigas desapareça de todo, ou em parte, ou que as produções innovadas fiquem circunscriptas a superficies em extremo limitadas. E eis aqui está dado precisamente o primeiro passo, e praticado um melhoramento, que, com o andar do tempo, hade acarretar necessariamente a cultura alterna, sem que o agricultor, por certo, cogitasse em tal, e, talvez, sem que tivesse alguma noção sequer do que é alho!har uma fazenda.

Já nos referimos, em outro lugar, ás difficuldades que a introdução da batata encontrou na nossa Provincia, por não se estar habituado á sua cultura, nem affeito ao uso daquelle tuberculo, e, muito principalmente, por não se lhe conhecer *praticamente* o seu infinito e variado prestimo. Pois bem: e o que se observa hoje? — Vejam os nossos agricultores se aquella planta, de que, não ha muito, se fazia tão pouco caso, não constitue presentemente uma das suas culturas predominantes. Calculem a extensão do seu actual consumo, mormente em annos escassos de cereaes. E observem como a sua cultivação progressiva tem dado lugar, em algumas localidades, a uma tal ou qual modificação no systema dos pousios, e a uma tal ou qual restricção tambem no costume dos pastos communs.

Tanto, porém, que em qualquer Paiz se manifesta uma tendencia geral para o aperfeicoamento agricola, após uma vem outra innovação, e outra, e outra. A principio, tudo, na realidade, é enleio, e complicação, e custa a acertar com a melhor maneira de dispôr a serie de culturas, novas e velhas: comtudo, as difficuldades lá se vão desvanecendo pouco a pouco, pois que é indispensavel combinar umas com outras plantas,

liga-las n'um todo mais ou menos systematico, coordena-las; até que, por fim, a poder de muito lidar, e de tentativa em tentativa, se chega a conseguir um giro *transitorio*, e intermedio entre os pousios e o systema alterno, o qual conduz a *posteriori*, e lentamente, a combinações novas, cada vez mais vantajosas, e menos imperfeitas.

Entretanto, repetimo-lo, por acaso terá isso lugar em toda a sua amplitude, sem que primeiro os interesses materiaes se comecem a desenvolver, e sem que, em consequencia do progresso da civilisação, e do incremento da população, do pedido, e da extracção dos generos, a agricultura se veja — por assim dizermos — forçada a satisfazer a quantidade de exigencias novas, incombinaveis com o descanso das terras, e incompativeis com uma producção rural delectuosa, e insufficiente.

E será o systema dos pousios tão vicioso, em toda e qualquer hypothese, como muitas vezes se pensa?

Com effeito não ha nada menos absoluto, nem mais relativo, do que a qualificação de um systema, cujos resultados hão de variar forçadamente segundo as circumstancias e localidades, e em cuja apreciação se deve attender a uma concatenação de condições meteorologicas, statisticas, e economicas.

As primeiras plantas, que fixaram a attenção do homem, foram, indubitavelmente, as que melhor, e mais directamente lhe podiam servir de alimento. Em tal consideração, foram tidos os cereaes, que, por isso, mereceram a preferencia em toda a parte, e, pela mesma razão, formaram, e formam ainda, a cultura exclusiva do systema rotineiro, e uma das principaes nos affolhamentos. Seguramente que não ha vegetal com tão preciosas qualidades, como este; não só pela quantidade de *fecula*, e *gluten* do seu grão, ao que deve o ser muito nutriente, e reparador, segundo a expressão de Cabanis; mas pela regularidade da sua producção, e facilidade com que se conserva por muito tempo, — duplicada vantagem, a que Mr. Chevalier attribue, e por onde decifra a influencia da descoberta e cultivacção dos cereaes sobre a appareição e desenvolvimento

da civilisação. Além de que teem estes a seu favor tambem o serem um genero, que, para se criar, não exige demasiado tempo, nem muito trabalho, e que, por isso, mais prestes se pôde expor á venda, e reduzir-se a numerario, — o que não se dá nas forragens artificiaes, porque é necessario preparar primeiro o terreno com repetidos amanhos e adubos, e cuidar no cultivo das herbagens, e fazo-las consumir pelo gado, e só depois de convertidas em materias fertilizantes, e de utilizadas pelo terreno e pelas seguintes colheitas, é que se comecam a apurar os beneficios.

Não he, pois, de admirar, que por toda a parte se dêse a preferencia a um systema, no qual os cereaes succedem sempre aos cereaes, e que, dadas certas circumstancias, não pôde deixar de ser tido por uma combinação excellente, tanto pela sua extrema simplicidade, e pela perfeita harmonia entre os respectivos serviços rurales e o curso das estações, como tambem pela sua facilissima applicação a todos os solos e climas, aos povos menos adiantados, &c.

Imagine-se, com effeito, um Paiz reduzido ao seu tenue consumo, falto de capitães, sem industria fabril, pouco povoado, e com extensas superficies incultas: qual lhe convirá mais, o systema dos pousios, ou a cultura alterna?

Pouco adiantado — tem, na agricultura rotineira, praticas sabidas, e sempre as mesmas, sem que demandem novas combinações, porque tudo vai pelo *ramão* do costume.

Exuberante em terreno inculto — não existe, nem se encontra alli o estimulo da necessidade, que é o que de ordinario incita o agricultor a affolhar.

E finalmente, se ao agricultor lhe fallece a extracção para os generos, para que ha de aggravar o mal, excitando a producção? Se as herbagens naturaes, e os pastos communs são mais que sufficientes n'um systema, onde os gados figuram tão accessoriamente, para que hade introduzir a cultura artificial, que, sobre affadigosa, lhe é de mais custo?

Em summa, absolutamente fallando, mal se pôde decidir das vantagens ou desvantagens

gens dos pousios; e com relação a um Paiz determinado, e nas circumstancias figuradas, passam elles pelo melhor systema, no conceito dos melhores agronomos.

(Continúa). A. J.

A Arracacha.

Em consequencia da molestia, que ultimamente tem accommettido as batatas em varios paizes da Europa, e principalmente na Belgica, França, e Inglaterra, tem-se pretendido addicionar á cultura de tão proveitoso tuberculo, a de uma outra planta tambem Americana, conhecida na provincia de Santa Fé de Bogota, onde é cultivada como planta balimentar, pelo nome de — *Apio*, por causa da semelhança que tem com esta planta; e tambem com o de — *Arracacha*.

A Arracacha ou Arracacia, é a *A. Nanthorliza*. Bancr. — *A. esculenta*. DC. — *Conium Arracacha*. Hook; pertence a um genero da familia das umbelliferas, tribu das Pleurospermeas, sub-tribu das Ammineas, Tausch: M. de Candolle (Bibl. uniyers. Jany. 1829) lhe assigna entre outros os seguintes caracteres: — Limbo calicinal não aparente: petalas lanceoladas, ou ovaes, inteiras e acuminadas: disco grosso e conico: stiletos recurvados: pericarpo oval-oblongo, alguma cousa comprimido bilateralmente: sementes adherentes, sub-semi-celindricas, canaliculadas anteriormente: herva vivaz; com raiz tuberosa: folhas bi-pinnuladas, ou pinnuladas, as inferiores pecioladas, as superiores rentes: umbellas terminaes pedunculadas: flôres polygamas; as marginaes hermaphroditas, as outras masculinas ou neutras. Este genero não contém seuão duas especies, das quaes, esta de que tratamos, é a unica alimentar.

Os tuberculos da Arracacha, diz-se, terem um sabor muito agradável, e constituirem um dos alimentos quotidianos dos habitantes dos paizes onde são cultivados. Num bom terreno um tuberculo daquelles chega a pezar cinco a seis arrateis.

Considerando os muitos recursos que a

cultura deste vegetal poderia offerecer tanto á agricultura, como á economia domestica; tem-se em Inglaterra feito varias tentativas para o naturalizar alli; mas os resultados não tem até hoje sido satisfatorios. Em França, a Academia das Sciencias de Paris nomeou d'entre seus membros uma commissão para examinar as vantagens, que, nas actuaes circumstancias, se poderiam tirar da propagação e cultura da Arracacha. De suas indagações parece concluir-se, que esta planta, originaria dos Andes, se desenvolve e produz nas mesmas circumstancias de solo e temperatura, que o *solanum tuberosum*, a batata; e que ha muitas esperanças de collher da Arracacha os mesmos beneficios que offerece aquella. Em consequencia, tanto em França, como nas suas colonias em Argel se estão fazendo ensaios para naturalisar a Arracacha.

Sentimos, que a falta de escolas praticas d'agricultura, e de quintas-modelos, não permittam tambem entre nós algumas tentativas neste genero; pois que só assim se poderiam fazer, porque os particulares, por via de regra, não adoptam, nem devem adoptar uma nova cultura, sem que uma serie continuada de ensaios daquella maneira tenham provado a sua utilidade; a menos, que não queiram aventurar capitaes, com grande risco não só de perde-los, mas de, com taes exemplos tornar mais difficil a introdução subsequente de todos os novos melhoramentos.

A. F. de M. P.

Receitas para tingir em preto o cabelo branco da cabeça.

Massa de Zamora.

Cal viva recente, e em pedra. . . uma libra.
Fezes d'ouro, e chumbo calcinado — de cada um uma onça.
Extingua-se a cal em agua, e forme-se uma massa, lançando-lhe as fezes d'ouro, e o chumbo. Conserve-se em vaso bem tapado, para se applicar sobre o cabelo, quando se quizer tingir.

Massa de Ambrozio Paré.

Cal em pó seis onças.

Fezes d'ouro. quatro onças.

Cozimento de salva. quatro onças.

Fazem-se com estes ingredientes umas papas, que devem ficar applicadas ao cabello por tempo de 4 ou 5 horas; tendo-se primeiro lavado com uma solução de pedra lúna.

Depois desta operação, lave-se o cabello com agua de farellos, ou com uma gema d'ovo.

Outra. — Plombagina uma onça.

Rasuras de pão ebanor uma onça.

Fervam-se por uma hora em meia canada d'agua clara. Lave-se o cabello com esta tintura, para o que bastará molhar nella o pente, com que vos penteardes; por este modo os cabellos tomarão um bello negro; e querendo a cor mais viva e brilhante, basta juntar a tintura dita, duas oitavas de canfora. Diz-se, que as damas inglezas usam muito desta receita.

Outra. — Cal viva tres onças.

Extingua em agua, de forma que fique todo na consistencia de pomada, e junte quando ainda em fermentação —

Alvaiade em pó uma onça.

Misture tudo, e para servir-se desta composição, applique-a sobre os cabellos cobrindo-os depois com folhas d'alface, ou melhor ainda de couve, isto por tempo de duas horas; lave depois o cabello, para o que póde usar de esponja; e logo que esteja enchuto, pente-se com pente molhado em oleo de amendoas.

Esta pomada é a que apparece no commercio, e que é empregada pelos cabelleiros mais afamados: sómente, para lhe disfarçarem a composição, a tingem, juntandolhe uma pequena porção de plombagina: é porém melhor usa-la sem esta ultima substancia.

Qualquer que seja a receita, que se escolha, é necessario repeti-la de tempos a tempos, porque o cabello, conforme vai crescendo, se apresenta brauco como d'antes era.

A. F. de M. P.

LINGOAGEM DAS FLORES.

La fleur donne le miel: elle est la fille du matin, le charme du printemps, la source des parfums, la grace des vierges, l'amour des poetes: elle passe vite comme l'homme, mais elle rend doucement ses feuilles à la terre.

CHATEAUBRIAND.

Em consequencia

De todos os seres que a natureza criou, nenhum é tão agradavel aos sentidos e á

imaginação como as flores. Os antigos the

rendiam culto: os Gregos e Romanos enfeitavam com ellas os Deozes, e os Altares; e nas ceremonias santas, e nos seus festins ornavam as frontes com corôas de rosas.

Os primitivos christãos cobriam com flores os martyres, e as catacumbas, assexera

Chateaubriand. No novo mundo, diz Aimé

Martin, quando uma joven perde o filho querido, suspende o corpo inanimado nos ramos da Acacia, e em quanto os ventos balancam estes despojos mortaes por cima da relva, a mãe attenta se inclina sobre os grupos das flores, que a cercam, procurandó recolher em seu seio a alma do filho, que um erro lhe representa errante sobre as folhas encarnadas da rosa, ou nas brancas petalas da soberba magnolia.

Hoje ainda ornamos com flores os nossos templos. E no mundo damos-lhes uma consideração nada menos sublime do que aquella que lhe concediam os antigos. Com as candidas flores da laranjeira ornamos a angelica frente da virgem; com os ramos do louro emmarcessivel coroamos a fronte gloriosa do heroe; e com o esguio e emmorredouro cipreste orlamos o fanerio tumulo dos nossos parentes e amigos, &c. &c. Umás flores, consagradas á ternura, e a dolorosas recordações, servem de alimento á melancolia; são interpretes dos sentimentos: outras lembram idéas de gloria, e felicidade; ou compoem uma lingua mysteriosa para uso dos amantes: livro encantador (diz Chateaubriand), que não encerra erro algum perigoso, e só guarda a historia fugitiva das revoluções do coração.

CHATEAUBRIAND.

Em consequencia

De todos os seres que a natureza criou, nenhum é tão agradavel aos sentidos e á

imaginação como as flores. Os antigos the

rendiam culto: os Gregos e Romanos enfeitavam com ellas os Deozes, e os Altares; e nas ceremonias santas, e nos seus festins ornavam as frontes com corôas de rosas.

Os primitivos christãos cobriam com flores os martyres, e as catacumbas, assexera

Chateaubriand. No novo mundo, diz Aimé

Martin, quando uma joven perde o filho querido, suspende o corpo inanimado nos ramos da Acacia, e em quanto os ventos balancam estes despojos mortaes por cima da relva, a mãe attenta se inclina sobre os grupos das flores, que a cercam, procurandó recolher em seu seio a alma do filho, que um erro lhe representa errante sobre as folhas encarnadas da rosa, ou nas brancas petalas da soberba magnolia.

Hoje ainda ornamos com flores os nossos templos. E no mundo damos-lhes uma consideração nada menos sublime do que aquella que lhe concediam os antigos. Com as candidas flores da laranjeira ornamos a angelica frente da virgem; com os ramos do louro emmarcessivel coroamos a fronte gloriosa do heroe; e com o esguio e emmorredouro cipreste orlamos o fanerio tumulo dos nossos parentes e amigos, &c. &c. Umás flores, consagradas á ternura, e a dolorosas recordações, servem de alimento á melancolia; são interpretes dos sentimentos: outras lembram idéas de gloria, e felicidade; ou compoem uma lingua mysteriosa para uso dos amantes: livro encantador (diz Chateaubriand), que não encerra erro algum perigoso, e só guarda a historia fugitiva das revoluções do coração.

CHATEAUBRIAND.

Em consequencia

De todos os seres que a natureza criou, nenhum é tão agradavel aos sentidos e á

imaginação como as flores. Os antigos the

rendiam culto: os Gregos e Romanos enfeitavam com ellas os Deozes, e os Altares; e nas ceremonias santas, e nos seus festins ornavam as frontes com corôas de rosas.

Os primitivos christãos cobriam com flores os martyres, e as catacumbas, assexera

Chateaubriand. No novo mundo, diz Aimé

Martin, quando uma joven perde o filho querido, suspende o corpo inanimado nos ramos da Acacia, e em quanto os ventos balancam estes despojos mortaes por cima da relva, a mãe attenta se inclina sobre os grupos das flores, que a cercam, procurandó recolher em seu seio a alma do filho, que um erro lhe representa errante sobre as folhas encarnadas da rosa, ou nas brancas petalas da soberba magnolia.

Hoje ainda ornamos com flores os nossos templos. E no mundo damos-lhes uma consideração nada menos sublime do que aquella que lhe concediam os antigos. Com as candidas flores da laranjeira ornamos a angelica frente da virgem; com os ramos do louro emmarcessivel coroamos a fronte gloriosa do heroe; e com o esguio e emmorredouro cipreste orlamos o fanerio tumulo dos nossos parentes e amigos, &c. &c. Umás flores, consagradas á ternura, e a dolorosas recordações, servem de alimento á melancolia; são interpretes dos sentimentos: outras lembram idéas de gloria, e felicidade; ou compoem uma lingua mysteriosa para uso dos amantes: livro encantador (diz Chateaubriand), que não encerra erro algum perigoso, e só guarda a historia fugitiva das revoluções do coração.

CHATEAUBRIAND.

Em consequencia

De todos os seres que a natureza criou, nenhum é tão agradavel aos sentidos e á

imaginação como as flores. Os antigos the

rendiam culto: os Gregos e Romanos enfeitavam com ellas os Deozes, e os Altares; e nas ceremonias santas, e nos seus festins ornavam as frontes com corôas de rosas.

Os primitivos christãos cobriam com flores os martyres, e as catacumbas, assexera

Chateaubriand. No novo mundo, diz Aimé

Martin, quando uma joven perde o filho querido, suspende o corpo inanimado nos ramos da Acacia, e em quanto os ventos balancam estes despojos mortaes por cima da relva, a mãe attenta se inclina sobre os grupos das flores, que a cercam, procurandó recolher em seu seio a alma do filho, que um erro lhe representa errante sobre as folhas encarnadas da rosa, ou nas brancas petalas da soberba magnolia.

Hoje ainda ornamos com flores os nossos templos. E no mundo damos-lhes uma consideração nada menos sublime do que aquella que lhe concediam os antigos. Com as candidas flores da laranjeira ornamos a angelica frente da virgem; com os ramos do louro emmarcessivel coroamos a fronte gloriosa do heroe; e com o esguio e emmorredouro cipreste orlamos o fanerio tumulo dos nossos parentes e amigos, &c. &c. Umás flores, consagradas á ternura, e a dolorosas recordações, servem de alimento á melancolia; são interpretes dos sentimentos: outras lembram idéas de gloria, e felicidade; ou compoem uma lingua mysteriosa para uso dos amantes: livro encantador (diz Chateaubriand), que não encerra erro algum perigoso, e só guarda a historia fugitiva das revoluções do coração.

CHATEAUBRIAND.

Em consequencia

De todos os seres que a natureza criou, nenhum é tão agradavel aos sentidos e á

imaginação como as flores. Os antigos the

rendiam culto: os Gregos e Romanos enfeitavam com ellas os Deozes, e os Altares; e nas ceremonias santas, e nos seus festins ornavam as frontes com corôas de rosas.

Os primitivos christãos cobriam com flores os martyres, e as catacumbas, assexera

Chateaubriand. No novo mundo, diz Aimé

Martin, quando uma joven perde o filho querido, suspende o corpo inanimado nos ramos da Acacia, e em quanto os ventos balancam estes despojos mortaes por cima da relva, a mãe attenta se inclina sobre os grupos das flores, que a cercam, procurandó recolher em seu seio a alma do filho, que um erro lhe representa errante sobre as folhas encarnadas da rosa, ou nas brancas petalas da soberba magnolia.

Hoje ainda ornamos com flores os nossos templos. E no mundo damos-lhes uma consideração nada menos sublime do que aquella que lhe concediam os antigos. Com as candidas flores da laranjeira ornamos a angelica frente da virgem; com os ramos do louro emmarcessivel coroamos a fronte gloriosa do heroe; e com o esguio e emmorredouro cipreste orlamos o fanerio tumulo dos nossos parentes e amigos, &c. &c. Umás flores, consagradas á ternura, e a dolorosas recordações, servem de alimento á melancolia; são interpretes dos sentimentos: outras lembram idéas de gloria, e felicidade; ou compoem uma lingua mysteriosa para uso dos amantes: livro encantador (diz Chateaubriand), que não encerra erro algum perigoso, e só guarda a historia fugitiva das revoluções do coração.

CHATEAUBRIAND.

Em consequencia

De todos os seres que a natureza criou, nenhum é tão agradavel aos sentidos e á

imaginação como as flores. Os antigos the

rendiam culto: os Gregos e Romanos enfeitavam com ellas os Deozes, e os Altares; e nas ceremonias santas, e nos seus festins ornavam as frontes com corôas de rosas.

Os primitivos christãos cobriam com flores os martyres, e as catacumbas, assexera

Chateaubriand. No novo mundo, diz Aimé

Martin, quando uma joven perde o filho querido, suspende o corpo inanimado nos ramos da Acacia, e em quanto os ventos balancam estes despojos mortaes por cima da relva, a mãe attenta se inclina sobre os grupos das flores, que a cercam, procurandó recolher em seu seio a alma do filho, que um erro lhe representa errante sobre as folhas encarnadas da rosa, ou nas brancas petalas da soberba magnolia.

Hoje ainda ornamos com flores os nossos templos. E no mundo damos-lhes uma consideração nada menos sublime do que aquella que lhe concediam os antigos. Com as candidas flores da laranjeira ornamos a angelica frente da virgem; com os ramos do louro emmarcessivel coroamos a fronte gloriosa do heroe; e com o esguio e emmorredouro cipreste orlamos o fanerio tumulo dos nossos parentes e amigos, &c. &c. Umás flores, consagradas á ternura, e a dolorosas recordações, servem de alimento á melancolia; são interpretes dos sentimentos: outras lembram idéas de gloria, e felicidade; ou compoem uma lingua mysteriosa para uso dos amantes: livro encantador (diz Chateaubriand), que não encerra erro algum perigoso, e só guarda a historia fugitiva das revoluções do coração.

Regras para se usar do dicionario das flôres. — 1.^a Uma flôr direita tem uma significação, e voltada tem significação opposta — v. g. — um cravo e uma pouca de luzerna quer dizer = a amor da vida = e voltadas querem dizer = não amar é morrer. — 2.^a Pôde-se variar a expressão variando a posição da flôr — v. g. — um malmequer posto sobre a cabeça significa = pena do espirito = sobre o coração = pena d'amor = e sobre o seio = enjô. — 3.^a O pronome, eu, exprime-se inclinando a flôr para a direita, e o pronome, tu, inclinando-a para a esquerda. Com estes elementos, o amor e a amizade farão descobertas, que a reflexão ensinará a aperfeiçoar.

Em quanto o philosopho medita embevecido sobre a organização das plantas, e trabalha incansavel por descobrir as leis da vida vegetal; em quanto o medico experimenta desvelado a virtude curativa das mesmas plantas; encontra nellas o coração sensível e amante um estudo encantado; encontra uma linguagem emblematica, mas terna e expressiva. Offereço pois ás amáveis leitoras do Pharol, e especialmente, ás bellas transmuntanas, a seguinte traducção do dicionario dos emblemas das flôres mais conhecidas nesta provincia — receba eu em premio, ao menos, um ramalhete expressivo de ternas afeições.

Flôres. Emblemas.

Abobora.	Prenhez.
Acacia.	Amor platónico.
Açafrão.	Não abuzes.
Açocena.	Magestade.
Alface.	Frescura.
Alecrim.	Vossa presença me anima.
Alfazema.	Desconfiança.
Amendoeira.	Imprudencia.
Amaranto.	Immortalidade.
Amor perfeito.	Lembrança expressiva.
Amoreira branca.	Sabedoria.
Dita negra.	Não vos sobreviverci
Ameixieira.	Conservai vossas pro-
	messas.

Dita brava.	In'ependencia.
Anemona.	Abandono.
Angelica.	Estações.
Argentina.	Ingenuidade.
Artemisa.	Felicidade.
Aveleira.	Reconciliação.
Avenca.	Descrição.
Batata.	Beneficencia.
Bardana.	Importunidade.
Bolão de ouro.	Amor satisfeito ou constante.
Bolão de rosa.	Donzella.
Dito branco.	Coração que desconhece o amor.
Buxo.	Estoicismo.
Cana.	Musica.
Cardo.	Austeridade.
Dito penteador.	Misantropia.
Carvalho.	Hospitalidade.
Castanheiro.	Fazei-me justica.
Cerejeira.	Boa educação.
Chicoria.	Frugalidade.
Choupo branco.	Tempo.
Dito negro.	Coragem.
Chorão.	Saudade.
Cidreira.	Gracejo.
Cipreste.	Luto.
Coentro.	Merecim. ^{to} occulto.
Cogumello.	Suspeita.
Congoxa.	Doce lembrança.
Corôa de rosas.	Recompensa da virtude.
Couve.	Utilidade.
Cravina.	Meninice.
Cravo.	Sentimento vivo e puro.
Espinheiro.	Esperança.
Dito negro.	Difficuldade.
Hera.	Amizade com tute.
Feno.	Força.
Feto.	Severidade.
Flôr de laranja.	Castidade.
Folha secca.	Fraca esperanza.
Dita murcha.	Melancolia.
Freixo.	Grandeza.
Fumaria.	Fel.
Giesta.	Limpeza.
Girasol.	Transporte; e i' vos amo.
Goivo.	Formosura dura el.

Herva moura.	Verdade.	Trepadeira.	Peraltee.
Hortelã.	Amor exaltado.	Trevo.	Repouso.
Jacinto.	Agrado.	Trigo.	Riqueza.
Jasmim.	Paixão, voluptuosidade.	Tubera.	Surpreza.
Dito branco.	Amabilidade.	Tulipa.	Declaração d'amor.
Junquillo.	Desejo violento.	Urze.	Solidão.
Junco.	Docilidade.	Vime.	Franqueza.
Laranjeira.	Doçura, generosidade.	Vinha.	Borracheira.
Lilaz.	Primeira emoção de amor.	Vio eta.	Modestia.
Linho.	Agradeço os vossos favores.	Dita branca.	Candura.
Lirio.	Menagem.	Zimbro.	Asylo, soccorro.
Limoeiro.	Desejo d'alma, correspondencia.	<i>Côres.</i>	
Loureiro.	Gloria.	branco.	Boa fé, candura, pureza, innocencia.
Luserna.	Vida.	Vermelho.	Pejo, amor, ardor.
Madre silva.	Laços d'amor.	Amarello.	Infidelidade.
Malmequer.	Risco, pena.	Azul.	Pureza de sentimento, elevação d'alma, sabedoria, piedade.
Dito com cipreste.	Desesperação.	Negro.	Tristeza, luto, morte.
Malvaisco.	Beneficencia.	Côr de rosa.	Mocidade, amor, ternura.
Mangericão.	Odio.	Verde.	Esperança.
Margarida.	Variada.	Vimiciro, 21 de Março de 1846.	A. Mauricio Cabral.
Morango.	Bondade perfeita.		
Murta.	Amor.		
Musgo.	Amor maternal.		
Narcizo.	Egoismo indifferença.		
Oliveira.	Paz.		
Ortiga.	Crueldade.		
Palha inteira.	União.		
Dita quebrada.	Desunião.		
Papoula.	Reconhecimento.		
Dita branca.	Languidez, sono do coração.		
Pionia.	Vergonha.		
Pinho.	Energia.		
Ranunculo.	Impaciencia.		
Romã.	Ambição, fatuidade.		
Rosa.	Formosura, graças.		
Dita amarella.	Infidelidade.		
Branca com vermelha.	Fogo do coração.		
Dita brava.	Simplecidade poesia.		
Dita musgosa.	Voluptuosidade.		
Dita do Japão.	Vós sois frio.		
Salsa.	Festa.		
Salva.	Melancolia, estima.		
Serpentaria.	Horror.		
Tomillo.	Actividade.		

Les fleurs charment le goût, l'odorat et les yeux;
 Dans les palais des rois, dans les temples des dieux,
 Souvent l'or fastueux le cede a leurs guirlandes;
 Amour ne reçoit point de plus douces offrandes.

Les fleurs du deux plaisir sont l'emblemme riant.

I. DELILLE. — *Les trois Regnes.*

II.

O nosso collaborador e amigo, o Sr. Cabral, traduzindo-nos do tão poetico livrinho de Aimé Martin o artigo que precede, o dedicou, como era de justiça, ás nossas amáveis leitoras, apresentando-lhes nelle o abecedário dos nomes e significações das plantas e das flores, e as regras, para assim o dizermos, da syntaxe, ou construção grammatical daquella tão agradável, e tão mysteriosa lingoagem.

Em quanto pois alguma de nossas leitoras

não envia ao traductor a recompensa que elle ambiciona, e de que aliás é tão digno — *um ramallete expressivo de ternas affeições* — nós lhe votamos desde já os nossos agradecimentos; senão como recompensa, ao menos como signal da gratidão dos redactores do Pharo!; e para que associando assim nosso nome ao do author do primeiro artigo — *homenagem ao bello sexo* — que neste jornal apparece, possamos nutrir a fagueira esperanza — de que tambem as nossas leitoras repartirão connosco sequer uma flôr sómente — *um Jacinto, ou uma madresilva.* — Para adquirirmos mais algum jus a esta graça ou mercê, que não lhe podemos, nem havemos de chamar recompensa, vamos tambem apresentar-lhe um outro abecedario da significação das flôres e plantas, composto e publicado á mais de dois seculos pelo nosso portuguez Fr. Izidoro Barreira, natural de Lisboa, e que hoje anda já quasi esquecido.

Bem como nas sciencias naturaes, na mineralogia, na botânica, e na zoologia são já tão multiplicadas as nomenclaturas, que quando se nomear um mineral, um vegetal, ou um animal, se ha de logo indicar tambem o systema, ou o author, que assim o baptizou, sendo por isso necessario de todos ter conhecimento, e formando esse estudo, só por si, um dos variados ramos da sciencia; assim, na lingoagem das flôres, ou na significação que se attribue a cada uma dellas, os authores, poetas, e amadores tem de tal maneira, e a seu bel prazer, introduzido tanta variedade, que a confusão é inevitavel no uso de tal lingoagem, se antecipadamente se não tiver convencionado o systema ou abecedario que se adopta, para o que é tambem preciso ter de todos elles alguma idéa.

Esperamos pois, que nossas amaveis leitoras folgarão de encontrar aqui mais este abecedario, no qual as significações das plantas e flôres não são obra da imaginação ou capricho humano, mas sim deduzidas das sagradas paginas da Biblia, segundo se declara no prologo que primeiro transcreveremos.

A. F. de M. P.

A experiencia das cousas, foy a que descobrio a natureza dellas, e dos effectos que vio, appropriou a muitas, os significados que tem. Os das plantas daqui tiveram sua origem, ainda que os mais delles não foram tão descubertos, por industria humana como sabedoria divina: porque quando esta em diversos lugares da sagrada Escripura falla de plantas, e flores, mais quer que por ellas se entendão as significações que têm, que as palavras que soam. Donde quando Deos dizia ao povo Judaico, que lhe avia de dar a comer Absinthio, herva muito amargosa, mais queria significar as amarguras, que a esse povo por suas ingratiões avia de dar; que o Absinthio, ou Losna que lhe ouvesse de fazer comer. Recolherse a Pomba á arca de Noé com ramo de Oliveira no bico, e não de Cedro, ou Platano, sinal he, que no ramo de Oliveira quiz o Ceo significar, o que no Cedro, ou Platano não propriamente não significava. Comparar David o justo á Palma, e não ao Alemo, ou Loureiro, sinal he, que descobrio na Palma propriedades que pera seu intento não achou no Alemo, nem no Loureiro. Dizer o divino Esposo que he Lirio dos valles e não Cravo, Rosa, ou outra flor, que a terra cria: bem se deixa ver, que pera se comparar ao Lirio, achou nelle virtudes, e excellencias, que a outras flores não deu. Apontar o Evangelista San Lucas, que a arvore em que Zacheo sobio pera ver a Christo, era Sicomoro, mostra sem duvida, que alguma significação tem o Sicomoro, ou Figueira douda, que outra arvore não tem. E o amaldiçoar o mesmo Christo a Figueira, que achou sem fructo, indicio he que considerou nella alguma malignidade que a outras arvores, não convem. Pello que as significações, que as plantas tem, do Ceo as tem, e não dos homens. O que deve ser causa pera que todos os de alcançar segredos occultos vejaõ os que de presente declaramos, pois muitas vezes lhes soccede fallar em alguns significados de plantas sem sabermos o principio, e fundamento delles. Da natureza das plantas escreveu S. Iamaõ, Jolas Bithino, Aselepiades, Heraclio,

des, Dodoneo, Cratevas, Plinio, Theophrasto, Dioscorides, Matheolo Apuleio, Clusio, Dalemchampo, mas das significações que essas plantas tem, nenhum Author escreveu, que viesse á nossa noticia, tirando Pierio Valeriano que tratou de algumas, no seu livro de Hieroglificos, mas como sua profissam foy tratar das figuras Egipcias (como pôe por titulo de suas obras) e conforme isso a cada planta dá tantos, e tão diferentes significados, que não sabem os leitores qual escolham por mais conveniente, neste livro não ha isto de ser assi, senão que a cada planta avemos de dar huma propria significação, e essa não tirada de figuras Egipcias, mas da Escripura sagrada, conforme a exposição dos Santos Padres, e Doutores Theologos; e quando estes faltarem na confirmação de alguns significados, então de necessidade avemos de recorrer a letras humanas, e verosimeis razões. Quem com attenção vir as presentes achará que não custou pouco trabalho descobrir as muitas que neste tratado se apontaõ, pella difficuldade que ha de alcançar segredos que estas cousas encerram Materia muito digna de se saber, pera que das considerações que nella fazemos se aproveitem os fieis de Deos, e tirem doutrina espiritual, pera luz do entendimento, e salvação de suas almas.

Plantas. Significações.

Arvore. Vida humana.
 Flôres. Esperanças.
 Fructos. Obras.
 Ramos. Desejos.
 Folhas. Palavras.
 Raizes. Cuidados.
 Raiz. Segredo.
 Balsamo. Misericordia.
 Palma. Victoria.
 Fructo da palma. Doutrina.
 Cinnamomo. Zelo.
 Cedro. Excellencia.
 Nardo. Devoção.
 Oliveira. Paz.
 M.rra. Mortificação.
 Platano. Alteza.
 Calamo aromatico. Confissão.

Cipreste. Incorrupção.
 Sandalo. Tribulações.
 Romã. Conformidade.
 Flôr de romã. Perfeição.
 Casca de romã. Modestia, pejo.
 Vinho de romã. Lagrimas.
 Incenso. Oração.
 Videira. Alegria.
 Videira, &c. Alegria perturbada.
 Flôr de vinha. Bons intentos.
 Folhas de vinha. Esperanças perdidas.
 Macieira. Amor.
 Amendoeira. Esperanças seguras.
 Flôr de amendoeira. Mellice do homem.
 Figueira. Doçura.
 Figos lampãos. Bens antecipados.
 Figos verdes. Fructos sem proveito.
 Folhas de figueira. Penitencia.
 Figueira brava. Temperança.
 Figueira doida. Vaidades.
 Terebinto. Augmento.
 Murta. Dôr.
 Piabeiro. Morte.
 Alemo. Mudança.
 Salgueiro. Herança.
 Abeto. Contemplação.
 Buxo. Inocencia.
 Moneira. Prudencia.
 Olmo. Ampaño, favor.
 Nogueira. Virtude.
 Giesta. Lembrança.
 Zimbro. Pecado.
 Raiz de zimbro. Avarcza.
 Pereira. Ira, indignação.
 Zambugeiro. Humildade.
 Ensinheiro. Tristeza.
 Casia, ou canella. Nobreza.
 Cipro, ou alcanfor. Casidade.
 Carvalho. Fortaleza.
 Junco do Egypto. Abstinencia.
 Espinheiro. Delicias.
 Aroeira. Serviço.
 Limão. Vontade.
 Pecegueiro. Guerra.
 Castanheiro. Restauração.
 Teixo. Damno.
 Laureiro. Triunpho.
 Rosa. Graça.
 Rosa com espinhos. Gostos da vida.
 Lirio. Pureza.

Lirio cecem.	Saudades.
Lirio côr do céu.	Eloquencia.
Flôres Jacintas.	Sabedoria.
Flôres Narcizas.	Gentileza.
Violas.	Conhecimento.
Hera.	Ambição.
Espigas.	Fartura.
Grão de mostarda.	Fé.
Madre silva.	Entendimento.
Cornucopia.	Liberalidade.
Canna.	Inconstancia.
Aboboreira.	Esperanças vãs.
Hervas.	Brevidade.
Feno.	Gloria do mundo.
Ruda.	Castidade.
Ortelã.	Cruexa.
Endro.	Preguiça.
Cominhos.	Pragas, maldições.
Coentro.	Esquecimento.
Junco.	Fingimento, hypocrisia.
Açafrão.	Paciencia.
Losna.	Remordimento d'alma, amargura.
Aipo.	Pranto.
Hisopó.	Limpeza.
Mandragora.	Boa fama.
Linho.	Santidade, justificação.
Favas.	Demandas.
Espinhos.	Riquezas.
Abrolhos.	Trabalhos.
Silva.	Prizão.
Hortigas.	Murmurações.
Cardo.	Tormento.
Grãos.	Conservação.
Milho.	Multidão.
Joio.	Inveja.
Fetão.	Segurança.
Fetão, e cana.	Odio capital.
Alecrim.	Ciumes.
Jesmin.	Perigo.
Dormideira.	Justiça.
Legação.	Verdade.
Mangericão.	Prazer.

O COLLAR DA FINADA.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

IV.

Em quanto succedia, e se completava a tragica scena, que acabámos de descrever no capitulo terceiro desta mui veridica historia; uma outra, em diverso genero e caracter, mas que com aquella tem suas relações, se passava tambem então, mas em differente logar, na mesma cidade de Miranda.

Na linha de fortificações, que n'outro tempo cercou aquella praça, existiam para o lado do Fresno dois baluartes, dos quaes já hoje não restam mais que montões disformes de pedaços de calça e pedras soltas; sobre elles vem aquecer-se ao sol da primavera os pequenos reptis proprios de nossas zonas temperadas; e brota a espaços alguma vegetação rasteira e enfezada, a picante ortiga, o cardo agreste, ou a silva tenaz e vividoura, que os turbulentos rapazes se aprazem ainda algumas vezes de açoitarem em seus brinquedos. Ahi, nessas murallias, em tempos, que nós, filhos deste seculo, e cheios de um mal entendido orgulho olhamos com desdem e zombaria, os mais nobres sentimentos, o amor da patria e da religião fizeram obrar prodigios de valor, heroicidade, e dedicação a homens, que valiam, senão mais, ao menos tanto como nós. E hoje? . . . Hoje, proximo das mesmas murallias, de que já não precisamos, e que por isso deixámos arruinar, pelejam-se batalhas de uma outra especie, cujas causas, e origens são das mais baixas, degradantes, e antisociaes inclinações, que o homem póde nutrir!

Ao longo da cortina, que entre si ligava aquelles dois baluartes, corre agora uma das ruas mais estreitas e immundas da cidade; e nella existe uma casa constando apenas de dois pavimentos; no primeiro, que é terreo, via-se a um lado uma tosca e mal ageitada estante contendo comestiveis, e algumas drogas usadas nas artes, tudo quasi de mistura, pão, arroz, assucar, caparrosa, bacalhão, ver-

dete, chocolate, campeche, pedra-hume, e algumas garrafas com agoa-ardente e *misturada*: (*) a outro lado, uma pipa com vinho, uma talha com azeite, e varias vasilhas de folha, e barro vermelho vidrado d'amarello: no tecto em uma taboa com caracteres, assemelhando os de imprensa, se lia o seguinte letreiro

HOJE NOM SEFIA AMINHEM SIM.
OSMALOS PAGADORS LO QUIZEROM ASIM.

Um sujo mostrador, sobre o qual pendiam umas ferrugentas balanças com as suas yellas couchas de latão, prohibia aos devotos penetrar no interior deste templo de Baccho, do qual eram sacerdotes duas figuras brutescas, cujas manciças e vestuario estavam em perfeita harmonia com o arranjo e aceio do mesmo: a saber, um homem, a idade do qual cahia já para o occaso, cabellos negros e crespos, fronte irregular, olhos redondos, como de reptil, immoveis e cobertos até ao meio pelas palpebras, que apenas deixavam vêr a pupilla, faces pequenas e amarelladas, queixos aguçados e quasi desprovidos de barba. Trajava umas polainas de couro muito justas, calções de pardo, colete, e vestia d'abas curtas, ambos de panno, e por cima a sua *capa d'honras*, que era um abastado capote de burel, sem mangas, mas com cabeção e bandas exteriores do mesmo burel, laboriosamente recortadas, e deixando vêr um entremeio de panno preto, capuz sobre o cabeção, e na ponta daquelle, uma comprida cauda golpeada na extremidade, e toda com os mesmos recortes e entremeios já ditos. Tal é o fiel retrato do — tio Pedro — com o qual, no da sua Manoella fazia um quasi perfeito contrastê. Teria esta pouco mais dos seus vinte cinco annos, cabellos louros e corredios, cabeça e orelhas pequenas, olhos viços e buliçozos, faces carnozas, labios gossos, e o superior, um pouco retrahido, deixando vêr os dentes algum tanto preeminentes. Vestia uma saia de estamenha com muita roda, e toda cercada de pregas, que corriam da cintura até ao fundo, envolvia-lhe o seio uma

faixa de baetão vermelho, a qual se deixava vêr, por cima, e na abertura de um colete de bombazina preta, que atacava na parte anterior por meio de um cordão de barbillo; tinha camiza de panno de linho, afogada no pescoço, com collarinho alto, e mangas compridas; mas tanto esta, como o mais fato, alguma cousa sujo e amorrutado.

Não obstante tudo, quanto logo á primeira vista se apresentava desagradavel naquella habitação, em seus donos; apesar mesmo da fama, a qual apregoava, que o tio Pedro não vendia assucar, que não levasse farinha, nem vinho, que primeiro não tivesse misturado com agoa, ao que elle nos seus domesticos gracejos com Manoella, chamava « baptizar o mouro » no entanto, posso assegurar-vos, que não havia em Miranda casa tão frequentada: a qualquer hora do dia era rarissimo encontra-la sem gente, havia mesmo freguezes tão assiduos, que muitas vezes lá passavam desde manhã até alta noite, atrahidos pelas insinuantes, e faceis maneiras da tia Manoella (a qual não passava por exemplar em sua honestidade), sustentando-se com os petiscos, que ella sabia cozinhar-lhes, e entreterendo-se *innocentemente* com a indagação e analyse das vidas alheias, ou com o muito antigo jogo da bisca, do chincalhão, e do triôta e um, que ainda a moda, e o gosto *mais apurado* d'agora não tinham podido conseguir destes homens rudes, e afferrados a seus antigos habitos, o adoptarem o *mais fidalgo e moderno divertimento do monte*. Á noite porém, depois de findos os trabalhos do dia, e principalmente aos domingos e dias santos, então é que era a concorrencia, e o aperto, o beber, o brincar, o jogar, o disputar, e o tripudiar: em algumas occasiões não bastava já a casa, estendia-se a folia até pela rua, e a *pandei-reta*, as *farranhoellas*, (*) e as *castanholas* davam o compasso á turba saltante das rameiras que vinham ajuntar-se á dos ebriôs, e dos jogadores. Estas scenas terminavam

(*) Certa bebida, a que tambem chamão *rosa-sol*, composta de agoa-ardente forte, assucar em pó, canella, e ás vezes liebr ou vinho em pequena quantidade.

(*) Farranhoellas farranhollas ou rascas, chamam aqui a duas peças de uma concha bivalve, as quaes, batidas como raspando uma pela outra, produzem um certo som, de que se ajudam em suas danças e musicas campestres, principalmente nas da segada.

algumas vezes em disputas, em pancadas, e até em mortes.

Não eram porém estes, que até aqui temos descripto, e aos quaes, na linguagem d'outros tempos, chamariamos — a arraia miuda — os unicos frequentadores da casa do tio Pedro; a mais alto subiam as suas relações. Todos os dias á bocca da noite, e dahi em diante, entravam pela porta, que, em separado da taberna, communicava para o andar superior, muitos individuos, os quaes trajavam a elegante capa, o curto casaquinho, e até o desengraçado paletó.

Se bem que não sejamos curiosos das vidas alheias, no entanto, forçoso será que levemos nossos leitores ao interior desta casa, porque Alberto, o nosso heroe, era um dos mais assiduos frequentadores della, lá é que elle se achava na noite da morte de sua infeliz mãe, e o leitor estará de certo impaciente por saber o imperioso motivo, ou antes, a poderosa attracção, e o obstaculo invencivel, que pôde fazer que elle não accdisse aos repetidos recados que o chamavam a casa, na occasião em que corria o risco de ficar privado da joia de maior valor, que um filho pôde possuir neste mundo — uma verdadeira mãe.

O astro que preside ao dia tinha já desaparecido do horisonte, eram quasi seis horas da tarde, quando o tio Pedro voltando-se para a rechonchuda companheira, a sua cara metade, que a um canto da loja fiava na sua roca de cana decorada de folhagem, lhe disse.

— Som horas, Manoella; nom hai tempo a perder: cá vos avinde e'os vossos freguezes, qu'eu m'abalo p'rá minha gente. Elles nom podem tardar, coitadicos! é necessario ter lh'o visgo stendido, e o laço prompto.

Dito isto, foi escada acima, lançou mão de um palito phosphorico, acendeo uma pequena lanterna, que havia no alto, e logo com ella entrou para a sala: no meio desta se via uma grande mēsa coberta com um olcado, e sobre ella um candieiro de metal com tres bicos, e n'uma das paredes lateraes, outro mais pequeno, e de um só bico, que elle acendeo então: em volta da mēsa havia compridos bancos de castanho, e a um

canto da sala uma outra mēsa, ou commoda, ou antes uma cousa intermedia a estas especies, com duas ordens de grandes gavetas, e os seus torneados pés de páo-preto. Pedro poz sobre esta a pequena lanterna, abriu uma das gavetas, e tirando uma agulha, um tinteiro, uma pequena imprensa, e alguns baralhos de cartas, manuseou todos estes objectos por tempo de quasi meia hora, já picando com a agulha certas cartas, já lançando no tópo d'algumas, leves traços de tinta, já aparando outras ligeiramente; então repondo tudo nos seus logares, de novo fechou a gaveta, levou a pequena lanterna ao cimo da escada, e principiou a passear pela casa, applicando algumas vezes o ouvido com um certo ar d'impaciencia, e como que esperando por alguem, que lhe tardava; mas pouco depois, sentindo gente na escada, foi acender o candieiro, que estava sobre a mēsa, e ainda elle não havia acabado, quando dois sujeitos, entrando na sala, lhe dirigiram quasi a um tempo a seguinte e muito laconica saudação.

— Boas noites, tio Pedro.

— As cartas — continuou um delles logo em seguida, e sem esperar mais resposta.

— As mesmas, meus senhores — respondeu Pedro — vo-senhorias passaram bem de hontem?

— Sem novidade — lhe voltou um dos recém-chegados; e o outro de novo repetio.

— As cartas, as cartas, tio Pedro, e já, que se faz tarde.

— Descance, meu senhor, nom lhe deia isso cuidado: alli estaã os *naipes*, quantos quiera, e já *promptos e compostos*.

— Á minha moda?

— Sim senhor, á sua moda; e tem onde escolher, porque uns estaã em *relevo*, como vo-senhoria costuma chamar-lhe, outros a *côres*, e tambem os tenemos *barbeados*. Agora o que eu quero, é levar hoje no jogo a minha rasca um *poucachico* mais crescida.

— Porque não, tio Pedro; corrente: levará vossê a decima parte, nós dois o resto; já que hoje se não paga dizimo a Deos, paga-lo-hemos nós ao diabo: quer assim?

— Quero sim senhor; mas nesse caso, eu

devo ganhar, e não poder perder, porque era assim que se recebiaõ os dizimos; e olhem, que em quanto elles nom voltarem mal iremos sempre.

— Oh! isso era bom, tio Pedro; mas aposto, que já agora não queria voltar para o convento, nem carregar com a sacolla dos frades? . . . Ora diga-me, visto isso temos hoje mouro na costa, ou que *palpite* é esse de querer hoje maior rasca?

— Olhe, eu lhe digo, é que tenemos hespanholes na terra, e entom conto que elles nos hande vir visitar, e nos deixaraõ algumas onças, ou pelo menos duas duzias de duros, onde quer ter parte cá a catholica pessoa.

— Bem está; é isso justamente o que se chama, contar com o passaro, que ainda anda a voar. . . E logo hespanholes! que nisto de *monte* são passaros bisnáos. Ora queira Deus, que não vamos buscar lá e fiquemos tosquiados.

— A mim me mellem, se hande ser elles os que levem a melhor de vo-senhoria; é como se los tiveramos na bolça.

— Pois sim, sim, tio Pedro, mas sempre me parece, que em tal caso será prudente usarmos de baralhos novos, e sem a sua composição.

— Menos isso, nada, ande-me com los *naipes* do uso, que elles *fan ben* o seu officio, e deixe vo-senhoria hir o negocio; palpita-me, que a noite é de fazer factina.

— O tio Pedro — disse o outro dos recém-chegados, que até então havia estado calado — cá nestas coizas é *havel* como um sargento; e já lhe não dão novidade, sobe toda a *metafisga* da arte como o primeiro dos mestres.

— Podéra não — responde o primeiro — como elle tem tão pouco *fio para as letras!* Basta que já foi moço de frades, e então agora com a escola, que tem tido, aqui, e lá em baixo; e com o gosto, que elle faz da profissão! Mas sempre te direi, que o interesse é unicamente quem o faz ter essa deligencia, que tu lhe notas, e que por isso pouco temos que lhe agradecer. . .

— O interesse! . . . — repetio Pedro com um certo ar de surpresa, misturado de in-

dignação, mas que de certo era simulado — quanto recebo nom chega para luzes e mais despesas.

— Não? ora vejam que bondade! aturamos vossê aqui só pelos nossos lindos olhos! heim? . . . Ora cante-me tonilhos a mim.

— É verdade, senhor, — lhe replicou Pedro — eu me nom bula daqui, *there-me el demoro* se lucro mais, que para as despesas.

— Oh homem de mil diabos, não diga juras, que é peccar sem necessidade, nem queira fazer de nós pechotes; isso não é cá para nós, olhe que ninguem lhe pede dinheiro. Pois vossê quer negar, que no fim do mez a maior parte do dinheiro, que gira no jogo, está na sua bolça? um como despeza de luzes, cartas, &c., outro pela quota parte, que leva quasi sempre no jogo, outro pela generosidade dos pontos que ganham, e que sempre pingam alguma cousa, outro como convite á Manoella, quando tem o trabalho de facultar-nos agoa, licôr, ou algum outro serviço.

— Pois sim, será como vo-senhoria quiser, mas o que é certo, inda que nom me creia, é que pouco lucro depois de pagas as minhas despesas. . . Olhe. . . parece-me que ahi vem alguns parceiros, e entom melhor será mudar de conversa.

— Sim! buliram-te na ferida, vilão ruim. . . mas. . . o homem tem razão, elles ahi vem já.

Um copo d'agoa senhor Pedro.

A este tempo entrou Alberto, e os seus dois amigos que, como vimos, naquella tarde com elle haviam sahido de casa. A chegada destes poz termo áquella altercação, que antes do jogo, ou no fim ao fazer das contas, era já de costume, quer ganhassem, quer perdessem. Logo depois continuaram a entrar varias pessoas, de sorte que, em breve tempo, a reunião era já numerosa, e composta de tão diversos elementos, que bem poderia tomar-se como uma representação catholica e diabolica da escoria de todas as classes da sociedade: os militares, o clero, as letras, os empregados publicos, os negociantes, os proprietarios, todos, todos alli tinham os seus representantes; e os ditos,

os apodos, os gracejos, e as disputas de toda esta gente, completavam uma scena verdadeiramente infernal.

Então, disse um dos dois, que primeiro entraram.

— Vamos a isto, parceiros, que se está passando o tempo — e sentando-se a uma das cabeceiras da mesa, ficando-lhe o outro seu companheiro primeiro á direita, e todos os mais em derredor, e alguns por detrás sobre os bancos, por não caberem na frente, dirigindo-se para o tio Pedro, continuou.

— Dê-nos cartas senhor Pedro — ao que este respondeo fingindo-se enfadado.

— Darei se las houver, porque vo-senhorias nom las querem senom hespanholas, e o máo tempo nom deo logar a vir hoje d'Alcanissas um hespanhol que ficou de trazer-las. Verei se ainda aqui apparece algum baralho — dizendo isto, com a sua proverbial malicia Mirandezza fingia não encontrar as cartas, que procurava na gaveta onde á pouco as havia mettido.

— Nunca vi — exclamou um dos parceiros — que por falta de forza deixassem de se fazer as execuções! se fôr necessario iremos esta noite mesmo a Alcanissas, ainda que chovam raios.

— Ui! — respondeo outro, que era apaixonado das cartas portuguezas — eche-las usted más blandas! . . . não será preciso tanto, que ainda as ha de haver no estanque; e quando não ha trigo come-se centeio.

— Pois tambem não será preciso ir ao estanque, e menos o comer centeio — disse um terceiro, que dava a preferença ás cartas hespanholas, apresentando na mesa um baralho, que consigo trazia — eu cá sou como o bom *selabardote*, que nunca larga o seu breviario.

— E eu — acrescentou um quarto, tirando do bolso outro baralho — sou como o frade, que por onde anda nunca lhe falta pão na manga.

A estes dois, respondeo, com uma falla muito descangada, o primeiro que havia perdido as cartas.

— Obrigado, meus senhores; não quero ferramenta já usada; nem gosto de trastes em segunda mão. . .

— Com razão se costuma dizer « por bem fazer, mal haver! »

— Quem assim me não quizer que me deixe.

Todos estes dicerios e graçaças eram acompanhados de estrondozas rixadas. A este tempo, Pedro lançou sobre a mesa dois baralhos de cartas, e o *monteiro*, fazendo signal para que se calassem, disse para os circustantes.

— Psciu; silencio. Tocá a postos.

Outro gritou immediatamente, e com uma expiração muito demorada.

— As armas!

E logo principiou o jogo: tendo todos posto o dinheiro em quatro cartas, que o *monteiro* lançou á mesa, ao continuo ruido, que até então se ouvia, seguiram-se alguns momentos de silencio, em quanto se não decidia a *cartada*. Era curioso de ver, como naquellas physionomias contrahidas e attentas se pintava a ansiosa incertezá daquelles momentos; e logo depois, os gestos e tregeitos, que denunciavam o sentimento doloroso dos que haviam perdido; ou a expansão, alegria, e mais indicios de satisfação, que assomavam ao rosto dos que tinham ganhado! . . . Ha em todas estas emoções um prazer, ou melhor diremos, uma attracção seductora, mas diabolica, característica deste vicio; para cuja pintura ou descripção não encontramos palavras apropriadas, e da qual provém, para o homem entregue ao jogo, a impossibilidade de deixar este, ainda quando conhece e confessa, que elle lhe é ruinoso.

O *monteiro* com os *em três*, com as *carabollas*, com os *eligans*, com as cartas de *peção*, e mais astucias usadas; para nos servirmos da fraze do nosso engracado Tolentino.

Fazia em vez de monte pellicas.

O dinheiro dos pontos estava já quasi todo no *monte*; o tio Pedro, fitando o com os seus pequenos olhos arregallados, não podia disfarçar o contentamento, e olhando alternadamente para elle, e para o *monteiro*, parecia querer dizer-lhe « heim! entom, nom lo dizia eu, que los haviamos depennar? » o proprio *monteiro* não cessava de dirigir aos pontos as suas facecias e motejos; e a ce-

corria ás mil maravilhas; quando os hespanhoes, que com effeito haviam chegado, porêm mais tarde, principiaram de acertar sortes, e com uma *vaca*, ou como elles dizem «*una fragata*» teriam de certo recolhido todo o dinheiro, se o socio do *monteiro*, que até então apenas tinha feito as mais pequenas paradas, não jogasse quantia maior ainda que o *monte*, e que ganhando, segundo as leis do jogo, recebeo de preferencia aos hespanhoes, por estar primeiro á direita do *monteiro*.

A isto seguio-se grande algazarra: uns cantavam o *requiescat in pace*, outros o *gloria in excelsis*, qual folgava na ideia de que o *monte* tinha hido á *gloria*, qual se lamentava por perder, ao mesmo tempo que não via já o dinheiro na mèsã, &c. Os hespanhoes porêm pretendiam, que o *monteiro* havia de proposito descoberto o jogo ao ponto da sua direita, para que elle ganhasse. Cada vez crescia mais o tumulto e altercação; houveram mesmo de chegar a vias de facto; o que aliás não seria a primeira vez que acontecesse.

Em quanto isto se passava, Alberto, que havia perdido, bem como os seus dois companheiros, sahio da sala, tendo dito a estes «que hia buscar mais dinheiro.» Apenas Alberto voltou costas elles se olharam mutuamente, como querendo dizer com os olhos «Alberto mentio-nos, quando esta tarde disse, que não tinha dinheiro, e trouxe aquella acção do banco.» Mas a verdade era effectivamente, que Alberto não tinha então um real, nem o podia já obter por emprestimo, que os seus credores o haviam ameaçado de pôr as dividas em juizo se não lhes pagasse naquelle mesmo dia, e que para evitar esse vexame lançára mão daquella acção do banco de Lisboa, unicos capitaes que já então possuia, a qual elles lhe tinham visto vender, e cujo producto, depois de pagas algumas dividas, acabavam de dissipar.

Onde hiria pois Alberto buscar então o dinheiro? sigamo-lo e vejamos.

Alberto apenas chegou ao fundo da escada, bateu muito de leve, e de certa maneira convencionada, á pequena porta interior, que communicava aquella com a loja;

imediatamente appareceo Manoella, após algumas palavras, ella se ausentou, para de novo voltar poucos instantes depois; cerrou a porta sobre si, entregou a Alberto um pequeno embrulho, e o despedio, aproximando seus labios dos delle. O que ella lhe disse ou fez, não o podemos nós entender, mas todo o leitor o poderá imaginar.

Entrado pouco depois na sala, os seus dois companheiros, reflectindo, que Alberto não tivera tempo para hir a casa, novamente se olharam, e entre si trocaram um breve sorriso, como que dizendo «restituam-se-lhe os credits» depois, aproximando-se, um delles disse em segredo para o outro.

— São indemnisações: quem furta a ladrão tem cem annos de perdão— Ao que o outro respondeo tambem ao segredo.

— Alberto não só se indemnisa do dinheiro que o tio Pedro aqui lhe rouba, mas penso, que se paga tambem dos juros, ainda que em especie differente. . .

Então acodiram ao jogo, que de novo principiava, serenada já aquella tempestade, e havendo o *monteiro* pedido *cartas novas* (frase pela qual designava cartas, que não estivessem falsificadas), e as quaes o tio Pedro então encontrou com mais facilidade do que as primeiras, apezar de que o homem d'Alcanissas não tivesse ainda chegado. O jogo seguio com varia fortuna, mas com bem fundadas esperanças da parte do *monteiro*, de que, uma vez que os pontos aturassem, lhes tiraria até o ultimo real.

.....
Leitores meus, deixemos os jogadores entregues ao seu fadario, destas scenas tereis vós ouvido muitas, é escusado que eu vo-las refira: na cidade mais populosa, na aldêa mais certaneja, entre a plebe, ou n'alta sociedade, pobres, ou ricos, filhos, ou chefes de familia, empregados publicos, ou simples particulares, entre todos, e em toda a parte encontrareis hoje o jogo de parar. Sempre se jogou, mas nunca como hoje, nunca com esta universalidade, nunca com tanto descaramento, nunca com tão funestas consequencias. Na nossa sociedade actual, o jogo é o contagio mais geral, a ulcera mais ichorosa, o cancro mais roedor, e que mais corrupção

está despejando sobre a moral publica; é um novo cameleão, que reveste mil fôrmas; é um outro Ahriman, o genio do mal, cujo dominio se vai estendendo, e que de dia para dia augmenta o numero de suas victimas. Quantos não deixam no jogo, ás vezes, a saude, e sempre, os poucos ou muitos meios que possuíam, e com que deviam alimentar suas familias? Quantos, em consequencia d'elle, não são arrastados á desesperação ou á melancolia, e destas á monomania e ao suicidio? Quantos não principiam alli uma carreira de immoralidade e de vicios, pela qual, marchando de precipicio em precipicio, vão juntando um crime a outro crime, até findarem seus dias nas masmorrás ou no cadafalço?

É necessario construir um dique, que nos ponha a coberto da inundaçào, que ameaça tudo subverter. Executem-se as leis que ha contra o jogo de parar, e se ellas já hoje não bastam, façam-se outras adequadas. A casa do cidadão é inviolavel; mas a casa do cidadão não é, ou ao menos não deve ser, onde se praticarem actos tão criminosos. . . . Deixemos porém aos que nos governam o estudo e resolução deste problema; e nós voltemo-nos ao nosso romance.

Os jogadores ainda continuam com o seu insano lidar; seria loucura esperarmos que elles terminassem; e a noite já vai alta. Descançemos pois agora, e depois daremos fim á nossa historia com as ultimas aventuras d'Alberto, que não poderão já ser muitas, porque a vida do jogador é ordinariamente curta.

(Continuar-se-ha.)

Homens damnados.

S.^{rs} Redactores do Pharol Transmontano. Para complemento da noticia, que communiquei a V. e foi transcripta no n.º 5.º folhas 79 do seu interessante periodico, vou hoje noticiar-lhes o tragico final daquelle successo.

Um dos homens que o lobo damnado mordeo junto a Carção, chamado João Canedo, e natural de Travassos no reino visinho, sabe-

mos que morrera no dia 9 de Março, tomado por um frezezi insuportavel, horror aos liquidos, &c.

O outro mordido — Antonio Bernardo, aquelle mancebo valoroso, que lutou com a fera, no dia 5 de Fevereiro chegou de volta de villa Real, bastante animado, e com esperanças de se restabelecer em breve. Porém desde o dia 10 de Março principiou a andar triste e melancolico. No dia 27 queixava-se de um flato, que lhe começava no hombro esquerdo, e atravessava o peito com dôres e afflicções no coração. Caiu de cama no dia 29, e desde logo mais não pôde consentir a claridade, nem o ar em movimento, e menos a agoa, ou outro liquido: fazia a quem o visitava perguntas sobre o que se dizia de sua molestia, e no meio de lamentações as mais compungitivas pedia que encomendassem sua alma a Deos. No dia 30 principiou por manifestar frezezi, com se lhe pintar na imaginação a fera atirada a elle, então gritava que lhe oco-dissem, e descompunha e injuriava os circunstantes, a quem, depois de passada a furia, pedia perdão. Custosamente se lhe administraram os sacramentos, não sendo possivel fazer-lhe tomar o lavatorio para consumir a particula, porque, dando com a vista em uma luz, principiou a embrulhar-se na roupa, gritando que de modo algum lhe dessem agoa. Foram estes soffrimentos sendo cada vez mais frequentes, até que no dia 31 perdeu de todo o comer; e no 1.º do corrente, já elle mesmo dizia, que estava damnado, e que o prendessem, para que, já que elle estava desgraçado, não fizesse mais alguém. Não consentio n'isso o afflicto pai, e então aquelle se embrulhou n'uma manta da cama, e, cahindo sobre o solho da casa, se tolheo inteiramente, no meio das maiores ancias, dando uivos horrorosos, e lançando grande quantidade de baba, se conservou até ao dia seguinte por 11 horas da manhã, em que a morte poz fim a seus terriveis soffrimentos. Tem apparecido muitos cães damnados, e alguns tem sido mortos, havendo para isso ordem das authoridades.

Oiteiro, 6 d'Abril de 1846.

Antonio José Garcia.

Ephemerides da historia Portugueza.

Abril.		
1	1542	Segunda victoria de D. Christovão da Gama, contra ElRei de Zeyla na India.
2	1576	Morre o prior de Palmella, D. Diogo de Gouvea; grande theologo que assistio ao concilio Tridentino por mandado de D. João 3. ^o
3	1614	Victoria de Luiz de Brito de Mello contra o Mogol.
4	1170	Morre Gonsalo Mendes da Maia, o Lidador, tendo neste mesmo dia alcançado duas insignes victorias contra os mouros.
5	1624	Tormenta horrivel: rara constancia do inclito general Nuno Alvares Botelho.
6	1385	Acclamação do Mestre d'Aviz, ElRei D. João 1. ^o
7	1541	Parte para a India S. Francisco Xavier, em companhia do governador Martim Affonso de Sousa.
8	1542	Terceira victoria de D. Christovão da Gama, contra ElRei de Zeyla.
9	1589	Thomé de Sousa Coutinho, arraza a cidade de Mandra na Ethiopia.
10	1519	Conquista D. Alvaro de Noronha, a villa d'Umbre em Africa.
11	1357	Nasce em Lisboa o Mestre d'Aviz, depois D. João 1. ^o
12	1514	Varios successos militares em Africa.
13	1600	Cunhale, corsario de grande fama, vencido e prezo por André Furtado de Mendonça, é degolado em Goa.
14	1634	Naufragio da não Nossa Senhora de Belem, voltando da India.
15	1547	D. João de Castro, entra em Goa triunfante, levantado já o 2. ^o cerco de Dio.
16	1581	Os 3 Estados do Reino, juram rei de Portugal a Philippe 2. ^o de Castella.
17	1295	Morre D. Gualdim Paes, instituidor dos Templarios em Portugal.
18	1179	D. Sancho (depois rei 1. ^o do nome) desbarata os mouros em volta de Béja.
19	1648	Os Portuguezes ganham sobre os Holandezes a 1. ^a victoria dos Gararapes.
20	1546	Começa o 2. ^o cerco de Dio.
21	1146	Morre Egas Moniz, o famoso aio de D. Affonso Henriques.
22	1515	Intentam os Portuguezes a conquista da cidade de Marrocos.
23	1516	Sitio de Arzillá: os mouros são obrigados a levanta-lo.
24	1500	Pedro Alvares Cabral, descobre o Brazil.
25	1361	Coroação de D. Ignez de Castro, depois de defuncta.
26	1648	Nascimento do infante D. Pedro, depois rei 2. ^o do nome.
27	1386	Morre em Tordesilhas, na maior miseria, a rainha D. Leonor Telles.
28	1582	Morre Vasco Fernandes Cezar, valoroso capitão de D. Manoel e D. João 3. ^o
29	1826	D. Pedro 4. ^o outorga aos Portuguezes a Carta Constitucional.
30	1562	Celebre victoria dos Portuguezes no cerco de Marzagão.

A. F. de M. P.

Bibliographia.

A Revista Economica. — Interessante semanario, trata do melhoramento das vias de communicação, do incremento da industria fabril, e desenvolvimento do credito Nacional. Publica-se em Lisboa sob os auspicios das Companhias Confiança Nacional, e das Obras Publicas. A redacção da Revista Economica é em Lisboa rua Augusta n.^o 1. — Póde tambem assignar-se nesta cidade perante o agente das ditas Companhias, Antonio Soares Mascarenhas, onde se encontram já os 8 primeiros n.^{os} — Preços, por anno 1500 : por 6 mezes 750 : n.^o avulso 30 r.^s

— Ao *Illustrador* (n.^o 31) que se admira de que empregemos o verbo « ermar » e pa-

rece querer attribuir-nos a invenção do mesmo; respondemos — que o encontrámos n'um dos melhores dictionarios portuguezes, e que o vemos usado por alguns de nossos litteratos.

— Ermar, v. abs. ou n., viver na solidão, em ermo, deserto, longe da sociedade, em ermitage. — F. S. Constancio Diccion. port.

..... ermam bem poucos
Do templo na amplidão.

A. Herculano. Harpa do Crente pg. 13.

Erma-lhe á porta um cypreste,
Erma-lhe dentro o seu dó.

Mendes Leal. Rev. Unie. Lisb. n.^o 42.